

O artigo de abertura do presente número traz uma instigante discussão que Carlos Alberto Torres faz sobre os impactos das quatro faces da globalização na educação e nas aprendizagens. O autor analisa em profundidade como as reformas educacionais atuais, de base competitiva, se caracterizam pelos esforços de criação de modelos de testagem extensiva de desempenhos em aprendizagens, nos diferentes níveis educacionais, no movimento de criação de padrões de *performance* e da “prestação de contas”, em consonância com um projeto formativo para a competitividade laboral e econômica. Nessa direção, visa-se a melhores *performances* a baixo custo. Isso tem um preço social alto e consequências para a constituição de uma sociedade que, ao fim, caminha não na direção da cooperação, mas para o trajeto da seletividade e do individualismo extremados. No contraponto, o autor apresenta alternativa com inspiração em Paulo Freire, tendo como base o conceito de aprendizagem fundada no constructo de justiça social transformativa. As argumentações são densas e favorecem reflexões sobre as decisões políticas em educação e suas consequências.

De outra perspectiva, na esteira das avaliações educacionais e contribuindo com uma visão multidimensional para análise e direcionamento de políticas públicas, o artigo de Namen *et al.* apresenta metodologia de depuração de dados com o uso de ferramentas que propiciam maior facilidade na construção de indicadores de qualidade por

meio de grandes bases de dados. Indicadores são elementos que favorecem inferências qualitativas para programas e políticas educacionais, quando estão disponíveis e se sabe utilizá-los. Expondo a metodologia, os autores deixam claro, no entanto, que é preciso considerar que existem diversas ponderações a serem feitas quanto aos indicadores gerados com base no uso das tecnologias apresentadas – ponderações que apontam limites e que merecem a atenção dos pesquisadores. Silva e Silva, ao discutirem as propostas relacionadas ao Programa Mais Educação, concluem que ele se enquadra no conceito de hegemonia às avessas, tal como colocado por Oliveira (2010), ou seja, os dominantes concretos no sistema econômico atual consentem que a educação seja conduzida pelos dominados desde que a “direção moral” não questione a forma constituída das relações de produção e trabalho.

A seguir, o cenário de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na atualidade brasileira é discutido na análise que Catelli Jr., Gisi e Serrão fazem em seu artigo. Esse cenário é colocado como um lugar de disputas que opõem e dividem vários grupos de interesse. Atual e importante, essa discussão permite atentar para o futuro desse âmbito formativo, ainda tão necessário no cenário educacional brasileiro. Já no que se refere ao ensino médio, campo também em disputa e perpassado por vários tipos de ambiguidades e demandas, Lima e Gomes, mediante pesquisa com dados longitudinais, apontam a seletividade socioeconômica e cultural na transição do ensino fundamental para o médio. Chamam a atenção para questões em aberto que outras pesquisas levantam: a crescente quantidade de jovens que, mesmo submetidos a condições favoráveis ao sucesso escolar, abandonam a escola média; para o fato que, mesmo com vagas no ensino médio, se acentua o número de jovens que não estudam; e para o dado que evidencia que, na geração de jovens que não estudam nem trabalham, se reconhece a baixa atratividade do ensino médio, mostrando-se que o papel do trabalho precoce é apenas relativo nos episódios de fuga da escola. Problemas que merecem maior compreensão e chamam por ações mais efetivas no que se refere ao ensino médio.

Neitzel, Pareja e Hochmann têm como foco as estratégias de leitura que os licenciandos de Letras de uma universidade desenvolveram no decorrer do Programa de Iniciação à Docência na Educação Básica (Pibid), os quais analisaram como essas estratégias colaboram para a formação de leitores no ensino médio, em duas escolas de uma rede pública estadual. As estratégias adotadas buscaram inserir os alunos do ensino médio no universo da literatura, propondo uma aproximação também física entre obra e autor, o que instigou e motivou o grupo à leitura das obras literárias. Essa perspectiva de trabalho docente se mostra alinhada com a concepção de literatura frutiva que concebe o texto como objeto a ser apreciado, degustado, preservando sua função estética. Mostrou-se atrativa para os alunos com efeitos positivos em suas habilidades de leitura.

O texto de Luis Roberto de Paula trata do ensino superior indígena e, trazendo um modelo metodológico de avaliação e comparação de experiências locais, contribui com inferências importantes quanto a

essa modalidade formativa no momento em que comunidades indígenas se mostram atentas aos processos educacionais. No âmbito do ensino superior, já no que se relaciona a formações continuadas, Groenwald, Justo e Gelle abordam a importância das ações e experiências investigativas dos docentes de forma interdisciplinar, mostrando uma trajetória de formação continuada ligada a situações de aprendizagem que fomentam novas práticas dos docentes. Finalizam trazendo uma reflexão acerca de uma ação pedagógica que propicie à escola se tornar um espaço inclusivo. Contribuições do pensamento de Álvaro Vieira Pinto, pensador brasileiro de porte, com influências fortes do materialismo dialético, são abordadas por Costa e Silva no contraponto das tecnologias em educação e do tecnocentrismo. As argumentações deste autor mostram quão rica é a conceituação de tecnologia por parte de Vieira Pinto, a qual permite uma análise crítica dessa questão em sua relação com a educação, propiciando uma perspectiva de superação do problema do tecnocentrismo. O artigo de Carola e Cabral tem foco nos livros didáticos de História Natural e situa-se na perspectiva da História da Educação. Com cuidadosa pesquisa e análise, mostram que há diferentes concepções de ensino e de perspectivas teóricas nos livros de ensino de História Natural, no período histórico considerado, bem como diferentes perspectivas em relação a concepções relativas ao meio ambiente.

Mais uma vez a RBEP procura estimular o pensamento educacional brasileiro com a publicação de textos instigadores e de pesquisas bem fundamentadas.

*Editoria Científica*